

Conjuntura Varejo e financeiras acreditam que cenário é favorável e prevêem crescimento neste 2º trimestre

Mercado aguarda queda de juro para retomar as vendas

Denise Neumann e Raquel Balarin
De São Paulo

A queda do dólar e do risco Brasil começa a animar lojistas e executivos de financeiras. Depois de um primeiro trimestre perdido, eles esperam recuperar parte das vendas já no segundo trimestre, caso se concretize a expectativa de queda da taxa de juro na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), no dia 21.

"Vários dos fatores que iniciaram o consumo, como inflação galopante, desvalorização do real e alta dos combustíveis foram removidos", afirma Valdemir Coleone, supervisor da rede de Lojas Cem. Em março, a rede amargou vendas 20% menores que as de igual mês do ano passado, descontada a inflação e a abertura de novas lojas. Em abril, o faturamento foi 5% menor. "Para maio, esperamos crescimento sobre o ano passado", diz.

O raciocínio do varejo é de que, se o governo conseguir segurar a inflação na casa de 10% ao ano (algo como 0,8% ao mês) e o risco Brasil se estabilizar entre 750 e 800 pontos-base (7,5 a 8 pontos percentuais), uma taxa de juro de 18% a 20% já é bastante atrativa para o investidor. Hoje, a taxa Selic é de 26,5% ao ano.

"A entrada de recursos externos ajuda a baixar o dólar, mas também tem um alto custo financeiro para o governo porque muitos investidores estão fazendo operações de arbitragem. Captam a um custo baixo lá fora e ganham com o alto juro daqui", explica o diretor geral da financeira

Exprinter, Leonardo Benvenuto. Por isso, ele acredita que agora, com inflação em queda, há um espaço grande para o corte de juro. "Desde julho do ano passado a carteira de crédito de pessoas físicas está estagnada em torno de R\$ 60 bilhões. Se o juro cair, há espaço para o consumo crescer, porque há demanda reprimida."

A redução do juro e a melhora da expectativa sobre o cenário macroeconômico são as únicas maneiras, nesse momento, de dar um impulso ao consumo, já que a renda do brasileiro está em queda. Segundo dados da MB Associados, a renda real hoje é 5% inferior que a de igual período do ano passado. E a renda disponível é ainda menor por conta do peso crescente dos gastos com serviços públicos. Esse gasto já está em 29% do total das despesas, segundo cálculos do BBV Banco. É o dobro do que pesava há cinco anos.

O economista Estevão Scripilioti, do BBV, diz que essa corrosão dos salários e o aumento do custo do crédito podem levar ao aumento da inadimplência no curto prazo, afetando a demanda e a disposição para emprestar. Por enquanto, contudo, esse é um problema que não está preocupando os agentes financeiros. A inadimplência da pessoa física no primeiro trimestre deste ano ficou um pouco abaixo da verificada no mesmo período do ano passado, isso em um ambiente de maior desemprego e menor renda. A rede de Lojas Cem, por exemplo, festeja uma inadimplência estável.

Para Benvenuto, da Exprinter, o fato de muitos consumidores estarem com o nome sujo pode frear uma retomada inicial do consumo e a inadimplência deve permanecer no elevado patamar atual no segundo trimestre, mas não há o risco de um "boom" de calotes. A inadimplência está sob controle.

Embora o varejo e as financeiras acreditem em uma retomada do consumo interno já a partir de maio, ainda que de forma tímida, os economistas que acompanham o nível de atividade dizem que a recuperação só deverá ocorrer a partir de julho. Até lá, renda e crédito escasso devem continuar a jogar contra.

"Mas o fundo do poço passou", diz Celso Toledo, economista-chefe da MCM Consultores. Ele calcula que o PIB brasileiro deverá crescer em média 2% este ano, apesar da expectativa de que, em dezembro, a taxa de crescimento, na ponta, deva chegar a 3,5%. Para decepção dos varejistas, ele acha prematuro a redução dos juros básicos da economia em maio.

Os economistas da MB Associados, ao contrário, acreditam que o Banco Central pode até optar por uma queda mais expressiva, entre 1 e 1,5 ponto percentual. "Se o cenário permanecer como agora até a reunião do Copom, a queda pode ser acima de meio ponto", diz Mônica Baer, da MB Associados, que não acredita, porém, em uma retomada imediata da demanda por causa da retração na renda. "É como uma janela de oportunidade que pode ser aproveitada". A Associação Comercial de São Paulo (ACSP),



Celso Toledo, da MCM, acredita que seria prematuro um corte na Selic em maio

que estima uma queda de 6% a 8% nas vendas de abril em comparação com abril de 2002, acredita que o BC pode cortar a Selic em maio e em junho.

Com a perspectiva de que o consumidor volte às compras, principalmente de bens duráveis, os mais afetados pela falta de crédito, os empresários também começam a fazer planos mais animadores. A sondagem da Confederação Nacional da In-

dústria (CNI) mostra que a proporção de empresas de grande porte que pretendem contratar funcionários passou de 13,9% em janeiro para 20,8% em abril.

Nas últimas sete sondagens trimestrais, a expectativa de crescimento no número e funcionários nas grandes empresas ficava sempre abaixo de 50 pontos (quando menor, o número é negativo; quando maior que 50, indica uma disposição positiva).